

A PERSONAGEM FEMININA EM *O DESPERTAR*, DE KATE CHOPIN

THE FEMALE CHARACTER IN *THE AWAKENING*, BY KATE CHOPIN

Deisi Luzia Zanatta

Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo

Docente do Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Jangada - de Jaraguá do Sul

E-mail: deisil.zanatta@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar a prática de transgressão emancipatória da protagonista Edna Pontellier, no romance *O despertar* (1989), da escritora norte-americana Kate Chopin. Para isso, faz-se um exame do caminho percorrido pela personagem principal, imersa na realidade ficcional da trama, em busca de sua libertação como mãe, esposa e mulher, que, ao se dar conta de si como sujeito, muda suas características e comportamento em relação ao modelo de mulher no século XIX, condicionado histórica e culturalmente por uma sociedade dominada pela égide patriarcal. O trabalho evidenciou que Kate Chopin apresenta a condição feminina no século XIX e, ao construir a sua heroína, Edna Pontellier, engendra nela os pensamentos modernos como escritora e mulher à frente de seu tempo, denunciando, assim, as formas maquiadas de abuso contra a mulher.

Palavras-chave: Emancipação Feminina. Edna Pontellier. Protagonista.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing the female emancipation of the main character Edna Pontellier, in the novel *The Awakening* (1989), by the North-American writer Kate Chopin. For this, is made an examination of the path taken by the main character in search of her liberation as a mother, wife and a woman, that by realizing herself as a subject change her characteristics and behavior of the model woman in the nineteenth century, historically and culturally conditioned by a patriarchal society. The research showed that Kate Chopin presents the female condition in the nineteenth century, and by creating her heroine, Edna Pontellier, Chopin engenders thoughts as a writer and woman ahead of her time, disclosure the forms of abuse against woman.

Key-words: Emancipation of Woman. Edna Pontellier. Main Character.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAS

A literatura pode exercer um papel de fundamental importância na vida das pessoas. Ao longo dos anos, muitos escritores se revelaram por meio de suas produções literárias, as quais podem representar importantes acontecimentos no marco histórico e cultural de determinadas sociedades. Em meio a isso, encontra-se Kate Chopin, que surpreende a crítica e a sociedade norte-americana do século XIX, por representar em sua literatura a mulher em busca de sua emancipação.

A produção literária de Kate Chopin é composta por dois romances, *At Fault* (1890) e *The Awakening* (*O despertar*) (1899), e três coletâneas de contos: *Bayou Folk* (1894), *A Night in Acadie* (1897) e *A Vocation and Voice*, esta última publicada somente em 1991, oitenta e sete anos após a morte da escritora. Kate Chopin não hesitou em desestabilizar a sociedade da época, abordando temáticas que demonstravam a dominação e opressão nas relações de gênero, e o discurso responsável pela sustentação concernente à posição do marido no meio familiar e social e a conseqüente tentativa de libertação feminina. Plenamente atenta ao que acontecia ao seu redor, Chopin representou a realidade de sua época através da ficção, recriando, com uma dose de ironia, o universo em que vivia por meio das personagens de suas obras e contos. Com isso, a autora valeu-se da literatura para despertar nos leitores o senso crítico, com o intuito de que entendessem e questionassem as questões políticas e sociais na época em que viviam.

Ler, refletir e analisar os contos e obras de uma escritora tão à frente de seu tempo, que teve seu romance relegado ao esquecimento por mais de cinquenta anos pela sociedade em que viveu, parece ser um trabalho muito desafiador e prazeroso. A crítica da época considerou o romance *O despertar* como indecente, ousado e mórbido, evidenciando que a escritora havia ido longe demais. Willa Cather considerou Edna Pontellier como uma *Bovary Creole* em um artigo publicado no jornal *Pittsburgh Leader*, em 8 de julho de 1899. Contudo, a crítica e a dificuldade para publicar seus textos não silenciaram a voz de Chopin, que ressurgiu em meados de 1950, devido ao surgimento de novas correntes filosóficas e literárias.

Neste texto, o objetivo principal é analisar, na obra *O despertar*, de Kate Chopin, mediante o exame das ações a trajetória de emancipação da protagonista, Edna Pontellier, que reclusa à sociedade creole de New Orleans, tenta constituir-se como sujeito, durante suas férias na praia de Grand Isle, contrariando o poder hegemônico do sistema de crenças e valores patriarcais. Para tal, a fundamentação teórica sobre o percurso histórico das mulheres, enfatizando o período que vai de Lilith à mulher no século XIX, bem como a que tipo de educação a mulher era destinada nesse mesmo século, tem-se como referência os estudos de Michelle Perrot (1991, 1998, 2008), Martha Robles (2006), Simone de Beauvoir (1949a, 1949b) e Virginia Woolf (1928).

2 ESTRUTURA DO ROMANCE

O romance *O despertar* apresenta um narrador onisciente que nos expõe o processo de emancipação de Edna Pontellier. No início da obra somos informados de que a protagonista está atrelada ao sistema patriarcal, pois a cena inicial da obra traz um pássaro engaiolado, o que nos remete ao estado de reclusão da protagonista: “Um papagaio verde e amarelo empoleirado numa gaiola pendurada do lado de fora da casa repetia incessantemente: *Allez vous-en! Allez vous-en! Sapristi!* ! Tudo bem!’ Ele podia falar um pouco de espanhol e também de uma língua que ninguém entendia[...]” (CHOPIN, 1994, p. 11). A representação do papagaio engaiolado é uma alusão às amarras sociais que prendem a protagonista.

Essa situação que abrevia a mulher a uma condição inferior marca explicitamente a ideologia patriarcal, pois o primeiro ser ficcional que aparece no cenário é Léonce Pontellier, marido de Edna. Sob a ótica do Sr. Pontellier, tem-se a primeira aparição da protagonista, ou seja, é pelo discurso de outro, sob a égide do patriarcalismo, que a personagem feminina é mostrada:

O Sr. Pontellier finalmente acendeu um charuto e começou a fumar, deixando o jornal escorregar preguiçosamente de sua mão. Fixou o olhar num guarda-sol branco que avançava vagarosamente desde a praia. Conseguia enxergá-lo distintamente por entre os troncos magros dos carvalhos e quando passava pelo trecho de camomilas amarelas. O golfo parecia distante, fundindo-se nebulosamente com o azul do horizonte. O guarda-sol continuava se aproximando lentamente. Em baixo da copa debruada de rosa vinham sua esposa, a Sr. Pontellier, e o jovem Robert Lebrun. Quando alcançaram o chalé, sentaram-se aparentando alguma fadiga um de frente para o outro no degrau superior da varanda, encostados cada um num pilar. (CHOPIN, 1994, p. 12).

A focalização da heroína romanesca passa da alusão do pássaro para o conceito de objeto representado pelo guarda-sol. Assim, fica visível o papel de Edna até o momento: nada mais que a coadjuvante da história. Edna é somente um objeto, uma posse de seu marido que a menospreza após seu banho de mar: “– Você está irreconhecível de tão queimada – acrescentou, olhando para a esposa como se olha para uma peça valiosa de propriedade pessoal que sofrera algum dano” (CHOPIN, 1994, p. 12).

No decorrer do texto, delineia-se uma relação de rompimento de a protagonista para com o mundo patriarcal ao qual está inserida. “Os despertares” passam a ocupar um lugar importante na vida de Edna: “Em suma, a Sra. Pontellier estava começando a perceber sua posição no universo como ser humano e a reconhecer suas relações, enquanto indivíduo, com seu mundo interior e com o que a cercava” (CHOPIN, 1994, p. 25).

A esta trajetória se ligam algumas personagens femininas que exercem papéis fundamentais nas decisões da protagonista. Uma é Adèle Ratignolle, uma bela mulher, exemplo de mãe e esposa, o lado que Edna não consegue ser, evidenciado através de uma conversa entre ambas as personagens na praia: “– Eu desistiria do não-essencial; daria meu dinheiro, daria minha vida, por meus filhos; mas não daria mim própria. Não consigo deixar isso mais claro; é apenas uma coisa que estou começando a compreender, que está se revelando para mim” (CHOPIN, 1994, p. 67).

A outra é Mademoiselle Reisz, uma pianista solteira e desajeita. Tal personagem é o lado que a protagonista pretende almejar. Em uma das conversas, Edna enuncia que insiste no piano e na pintura, e que estava se tornando uma artista. Ao chamar Edna de pretensiosa, Mademoiselle afirma que:

Ser artista exige muito; é preciso possuir muitos dons – dons absolutos – que não foram adquiridos pelo esforço próprio. E além do mais, para sair-se bem, o artista precisa ter uma alma corajosa.

– O que quer dizer com alma corajosa?

– Corajosa, *ma foi!* A alma valente. A alma que ousa e desafia (CHOPIN, 1994, p. 87).

No decorrer do texto, o narrador nos apresenta que a emancipação de Edna não diz respeito somente à sua condição de esposa, mãe e mulher do lar, mas também ao sentimento do amor e ao prazer sexual. Nesse sentido, o ato de vivenciar algo desconhecido, como o prazer em relacionar-se sexualmente fora do casamento, mostra que a protagonista ultrapassa mais uma barreira imposta para as mulheres do século XIX – sentir-se como mulher sensual e desejada, com um sopro de sentimentos que a tocavam: “Sentia como se uma névoa tivesse se levantado de seus olhos, permitindo-lhe ver e compreender o significado da vida, aquele monstro todo feito de beleza e brutalidade. Mas não havia vergonha ou remorso entre as sensações conflitantes que assaltavam-na” (CHOPIN, 1994, p. 111-112).

Ao se mudar da mansão Pontellier para uma casa menor, nomeada por ela de “Pombal”, a fim de viver da pintura de seus quadros, a protagonista começa a assumir para a sociedade *creole* de New Orleans que está se emancipando das regras patriarcais. Ela consegue ir adiante da submissão atrelada a sua rotina, que a fazia medir suas ações, que a limitava, declarando seu amor para Robert Lebrun: “– Eu o amo – murmurou ela – apenas você; ninguém senão você. Foi você quem me despertou no verão passado do sonho absurdo de toda uma vida” (CHOPIN, 1994, p. 142).

No último parágrafo do texto, ao ultrapassar todos os seus medos e privações, efetiva-se o ápice da emancipação de Edna Pontellier, ao entregar-se às águas do Golfo, abandonando uma sociedade, na qual não cabe mais habitar:

Pensou em Léonce e nas crianças. Faziam parte de sua vida, mas não deviam achar que podiam possuí-la de corpo e alma. Como Mademoiselle Reisz teria rido, zombado talvez, se soubesse! “E você se acha uma artista? Que pretensões, Madame! O artista deve possuir a alma corajosa que ousa e desafia. (CHOPIN, 1994, p. 151).

A citação supracitada apresenta o último acontecimento na vida da protagonista, pois mostra a formação do outro “eu”, não mais aquele representado pelo pássaro engaiolado, mas sim pelas asas da libertação. A prática emancipatória e a construção do desejo são transformações que possibilitaram à protagonista constituir-se como sujeito.

3 A CONDIÇÃO E EDUCAÇÃO DA MULHER

Por muito tempo, a representação dos homens e mulheres e das relações entres eles tem o caráter de reservar à mulher a condição de inferioridade, principalmente na esfera pública, em que se percebe nitidamente a divisão entre os sexos. Ao homem era reservado o espaço público, a intelectualidade, as relações públicas de trabalho e também sociais. A mulher era vista como propagadora da moralidade e da religião, devendo ser discreta, silenciosa, submissa e somente atuar na esfera do lar.

Segundo a Bíblia, no livro do Gênesis, Deus criou o homem e, depois, a mulher:

O Senhor Deus formou, pois o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente [...]. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez a mulher, e levou-a para junto do homem. “Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem”. (BÍBLIA SAGRADA, 1982, capítulo 2, versículo 7-23, p. 50).

A partir do pequeno fragmento retirado do Antigo Testamento, da Bíblia Sagrada, a primeira mulher, Eva, foi feita da costela de Adão, recebeu dele seu nome, caracterizando-se como mãe dos viventes e a glória do homem.

De acordo com Robles (1996, p. 34), conta o alfabeto Bem Sirá, no século VII, que Lilith, sabendo ter sido criada da mesma argila com a qual Deus fez Adão, ao tomar conhecimento de sua situação de inferioridade em relação ao primeiro homem do universo, indagou: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que ser dominada por você? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual.”. Todavia, consciente da soberania masculina, Adão negou-se a mudar essa condição.

Ao reivindicar direitos de igualdade em relação a Adão, Lilith não foi atendida por Deus e partiu para longe. Voando, foi para as margens do mar Vermelho, passou a residir em meio aos

inimigos do Pai Eterno. Foi nesse local que ela assumiu o destino das trevas, transformando-se num demônio, que vaga, vampirizando, disseminando a morte e atormentando todos aqueles que tentam viver o amor.

Em 1991, Michelle Perrot lança a obra *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, organizada sob direção de Phillipe Aries e George Duby. Nessa obra, a autora e alguns estudiosos traçam um panorama das concepções sobre o espaço público e privado no século XIX, do qual a sociedade Ocidental é herdeira até os dias atuais. Segundo a historiadora, as transformações sociais e econômicas iniciadas com a Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial afetaram o mundo, originando movimentos socialistas, dos quais emergiam novas maneiras de pensar e ideais feministas, fazendo surgir uma nova mulher. Os passos são lentos, mas elas começam uma marcha em direção à luta pelos direitos de igualdade perante os homens, muitos dos quais só são realmente concretizados no século XX, como o trabalho remunerado e o direito ao voto.

Como consequência dessa marcha, eclodiu o movimento feminista, o qual reivindicava direitos de igualdade para as mulheres, no campo pessoal, social, cultural e profissional. Viver livremente, com os mesmos direitos e deveres que os homens e não mais serem reclusas ao lar, adquirindo espaço na esfera pública, apresentava-se como uma nova e ampla expectativa de poderem mostrar sua capacidade e força produtiva. Nos dias atuais, em pleno século XXI, ainda há muitos questionamentos sobre a posição ocupada por homens e mulheres na sociedade patriarcal, a qual atribui o domínio das relações públicas e profissionais ao sexo masculino.

O acesso das mulheres à esfera pública, principalmente ao poder político e religioso sempre foi muito difícil. Até 1944 as mulheres francesas não tinham obtido o direito ao voto, pois a França era o “país da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.” (PERROT, 1998, p. 118). Entende-se, então, que a mulher não era considerada cidadã, por isso o voto não lhe era concedido. Cansadas de lutarem por seus direitos e vê-los tratados com desdém, nas eleições de maio de 1908, um grupo de sufragistas francesas, liderado por Madeleine Pelletier e Hubertine Auclert, toma o exemplo de mulheres inglesas e invade as salas de votação, quebrando vidros e derrubando urnas que só continham votos masculinos. Em 1944, a França consente o direito ao voto para as mulheres, sendo o penúltimo país a praticá-lo. No Reino Unido, o direito ao voto foi instituído em 1918.

O reconhecimento da mulher acontecia somente na esfera privada, em que se reconhecia nela uma alma; no entanto, ao proferir sua reza num espaço público, como a Igreja ou a capela, sua cabeça deveria estar coberta, demarcando nitidamente sua condição feminina. Percebe-se

uma ruptura dessa barreira nas Igrejas luteranas e calvinistas, em que mulheres exerciam a função de pastoras. Mas foi através do catolicismo que “as mulheres eram excluídas da palavra e do sacerdócio.” (PERROT, 1998, p. 138). Sobre o surgimento de uma história das mulheres, Perrot enfatiza que esta se iniciou na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos por volta de 1960 e, uma década depois, na França. Nas ciências humanas e na história em particular, diferentes foram os fatores imbricados na emergência do termo “mulher”, como: científicos, sociológicos, políticos (PERROT, 2008, p. 19).

Com isso, merecem destaque os estudos referentes à questão da mulher desenvolvidos por Simone de Beauvoir. *O segundo sexo* é um estudo sobre a mulher e o papel que ela desempenha na sociedade. Partindo de uma perspectiva histórica e mítica, a autora mostra como a mulher sempre foi condicionada a um estado de escravidão ao homem, com os dois sexos nunca partilhando o mundo em condições de igualdade. E isso não é um fenômeno natural, mas sim cultural no qual a mulher é simplesmente colocada pelo homem como Outro e este vai se constituir como Um (O segundo sexo: fatos e mitos, 1949a p. 12). Dessa forma, fica evidente que não foi a condição submissa das mulheres que determinou sua insignificância aos olhos da história, mas a sua insignificância histórica que as direcionou para a inferioridade.

Da moça solteira, passando pela mãe, esposa e até a prostituta, a mulher sempre se define em relação do homem, nunca por si própria, não é colocada em posição de sujeito, e sim de objeto. Essa situação a priori alavanca uma série de obstáculos nas relações de igualdade entre os sexos. Buscando por uma consciência autônoma ao longo dos tempos, a mulher só obteria liberdade e independência plena no momento em que se estabelecesse o direito de igualdade total entre homens e mulheres. Dessa forma, entende-se que foi através de seu ingresso no mercado de trabalho que as mulheres conseguiram cruzar a ponte que as separava do equilíbrio igualitário em relação aos homens, fazendo com que a atuação no espaço público lhes assegurasse autonomia e emancipação. Para Simone de Beauvoir

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre macho e castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1949b, p. 9).

O objetivo das feministas foi lutar pelo direito de igualdade das mulheres em relação aos homens. O movimento feminista lutou para que as mulheres tivessem os mesmos espaços e direitos que os homens, viabilizando oportunidades de igualdade para as mulheres que se viam circunscritas aos cuidados da casa, filhos e marido. As adeptas desse movimento contestavam o patriarcalismo como poder dominante na sociedade, nas relações pessoais e profissionais. Como a educação é fator importante até hoje nessa luta pela valorização social da mulher, esse aspecto merece algumas considerações.

Segundo Michelle Perrot, em *Minha História das Mulheres* (2008, p. 43), documentos registram que a educação das meninas ocorria mais tardiamente do que a dos meninos, nos países regidos pelo catolicismo. Ao lado da mãe, dona do lar e esposa fiel, as meninas se viam circunscritas à estrutura patriarcal da família. As de origem humilde, como as camponesas e operárias, eram retiradas da escola para exercerem todo tipo de atividade doméstica.

Para as meninas provenientes de famílias com melhores condições financeiras, a educação, formada pelo ensino da leitura, da escrita e dos conceitos básicos da matemática, era somada ao aprendizado de piano e francês; as aulas, na maioria das vezes, eram ministradas por professoras particulares em casa, em escolas religiosas ou conventos. Mas era o aprendizado com os cuidados da casa que se fazia essencial para as meninas. Perrot (1991) enfatiza que os filhos homens concentravam todas as atenções da família e eram educados pelos pais para ingressarem nos negócios da família, dando continuidade a estes, no caso do falecimento do chefe familiar. Assim, fica nítida a divisão dos espaços: ao homem, o público; à mulher, o privado. Para ela, o destino das tarefas domésticas, maternas e matrimoniais; a ele, o domínio do mercado de trabalho e das relações sociais.

Apesar desses valores, a educação destinada às mulheres expandiu-se, principalmente a partir do século XIX, em que as discussões em torno da necessidade de sua educação produziram uma gradual mudança na sociedade, dando-lhes maior acesso à educação. Com tal ampliação, foram criadas inúmeras escolas de educação, aumentando a necessidade de professoras. Assim, a profissão de professora passou a ser admitida e, paulatinamente, respeitada.

Na esteira dessa formação mais ampla, algumas poucas mulheres arriscaram-se na escrita literária. A esse respeito, é importante destacar o que Virginia Woolf escreve em *Um teto todo seu* sobre as condições sociais e econômicas da mulher escritora. Segundo Woolf (1928, p. 8), “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção.” Com isso, a escritora aborda nesse ensaio uma discussão sobre as condições de vida das mulheres na Inglaterra e as possibilidades de se tornarem escritoras numa sociedade regida pelo patriarcalismo, marcada pela desigualdade entre os sexos

A ascensão do público leitor feminino revelou-se a partir do surgimento da imprensa e do fortalecimento das reivindicações feministas, advindas com os tempos modernos. Questões sobre a educação da mulher foram levantadas e então surgiram questionamentos sobre esse novo público, passando a refletir no âmbito literário. Tendo em vista a adaptação às “novas leitoras”, surgem diversos gêneros textuais, entre eles, o romance e o folhetim.

Mas essa prática não era vista com bons olhos pelo sistema dominante. Com suas raízes vinculadas ao solo religioso, o qual disseminava a submissão da mulher, o sistema patriarcal, durante muito tempo, banuiu as mulheres do contato com obras romanescas, pois a leitura era vista como um perigo para elas, que não precisavam da literatura para exercer seus verdadeiros

papéis. O receio do sistema patriarcal era justamente este: de que a mulher, em contato com a leitura, desviasse seu comportamento e não mais exercesse as tarefas que lhe eram impostas, a de esposa, mãe e dona de casa.

Um importante meio de difusão, além dos manuscritos escritos por mulheres, como livros, manuais, jornais e revistas, foi a invasão feminina na imprensa. As mulheres iniciam nesse ramo lentamente no século XVIII, visto que a imprensa era uma área dominada pelos homens, os quais exerciam os cargos de chefes e produtores. As publicações escritas e financiadas por mulheres comportavam desde receitas caseiras até biografias de mulheres ilustres. Por meio da imprensa, as sufragistas expuseram sua voz em prol de seus direitos como cidadãs, protestando contra a cultura e os costumes que as colocavam em condição de inferioridade. Formou-se uma gama de leitoras e através da lei de 1881, se fundou o regime jornalístico moderno.

4 A PERSONAGEM FEMININA EM *O DESPERTAR*

A partir da década de 1960, como resultado da invasão do movimento feminista na sociedade americana e o surgimento da crítica literária feminista, o romance *O despertar* ressurge, sendo consagrado pela inegável habilidade artística da autora e pelo caráter inovador, pois seu conteúdo foi considerado investigador “de questões atemporais da mulher; uma escritora que, rompendo com o culto à domesticidade de seu tempo, olhou a mulher como indivíduo e a lançou na esfera social, buscando lhe dar voz e identidade.” (ALLEGRO, 2005, p. 11).

Por se diferenciar das demais personagens femininas de contos e romances da época, a crítica foi impiedosa com Edna e, conseqüentemente, com Kate Chopin. Perante a condição de inferioridade, a protagonista passa a questionar os valores impostos pela sociedade ditos como “adequados” para as mulheres; com isso, trilha um rumo emancipatório, reagindo contra as injustiças sociais que o patriarcalismo determina às mulheres. O primeiro capítulo da obra apresenta já alguns indícios da transgressão da protagonista, cujas ações se desenvolvem durante suas férias de verão, na praia de Grand Isle, e posteriormente na cidade de New Orleans.

As relações matrimoniais entre Léonce e Edna também representam nitidamente a condição da mulher na esfera do lar. A “veneração” por sua esposa cai por terra quando, ao entrar no quarto ao lado, descobre que um dos seus filhos está com febre, enquanto Edna dorme tranquilamente nos aposentos do casal. Nesse momento, Léonce repreende sua esposa devido à tal atitude:

Repreendeu a esposa por seu descuido, sua habitual negligência com as crianças. Se não era o papel de uma mãe tomar conta dos filhos, de quem mais poderia ser? Ele próprio estava inteiramente ocupado com seus negócios de corretagem, não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: ganhar a vida para sua família na rua e ficar em casa para evitar que algum mal lhes sucedesse. Falava de maneira monótona e insistente (CHOPIN, 1994, p. 16).

Alguns leitores e leitoras podem não compreender em que exatamente a protagonista deixa a desejar como mãe. Tal atitude, aparentemente desprovida de qualquer sentido, mostra o outro lado da questão: o desabrochar de Edna começa a romper com seu papel de mãe no momento em que ela estabelece uma relação de pouca importância para com seus filhos e marido. O narrador, então, mostra aos leitores que “em resumo, a Sra. Pontellier não era do tipo maternal” (CHOPIN, 1994, p. 19). Com isso, a protagonista do romance encaminha-se para um processo de emancipação, afrontando os preceitos morais da época.

Mesmo que nos Estados Unidos os ideais do movimento feminista foram ganhando espaço através do tempo, a participação de muitas mulheres fora das paredes do lar foi realidade para uma pequena parte da população feminina. A maioria das mulheres vivia em condições de obediência e submissão ao pai ou esposo, seguindo com o modelo de feminilidade, que as direcionavam para o destino único: casamento e maternidade. Não havia nenhuma forma de sobrevivência para a mulher fora do casamento; a elas eram atribuídas características provindas de sua natureza, como a submissão, o instinto materno, a doçura e a pureza. Edna Pontellier, personagem feminina que representa aos olhos do patriarcalismo e de acordo com os preceitos culturais da época a “esposa rebelde”, não se deixa oprimir pela sina a ela destinada; ao contrário, não vive na reclusão do lar e ousa desafiar o marido e a sociedade *creole* da Louisiana.

A prática das ações da protagonista revelam os sintomas de uma mulher tentando se firmar como sujeito, buscando a liberdade, autonomia e conhecimento. Edna procura se afastar dos costumes conservadores e religiosos de seu casamento, alicerçados nos pilares patriarcais. Ainda solteira, a protagonista revela-se uma mulher pouco ligada às convenções, pois afronta o poder patriarcal, casando-se com um católico contra a vontade de sua família. O narrador apresenta como Edna e Léonce se conheceram: “Seu casamento com Léonce Pontellier foi puramente acidental, parecendo-se muito, neste aspecto, com muitos outros casamentos que se fantasiam de decretos do Destino. Foi durante sua grande paixão secreta que ela o conheceu” (CHOPIN, 1994, p. 31-32).

Nessa passagem, a protagonista pratica uma transgressão das normas patriarcais; ela mesma decide se casar com Léonce, rompendo o paradigma do século XIX, em que o pai escolhia um marido para a filha. Outra questão a ser avaliada é a percepção que a protagonista poderia ter em

relação ao matrimônio com base em suas paixões anteriores. Sentindo-se valorizada por Léonce e com o intuito de sair da casa do pai e habitar a casa do marido como uma propensão à liberdade, Edna aceita o casamento com Léonce. Porém, o passar do tempo revela à protagonista o que seu casamento, de fato, significa, colocando-a de frente com a realidade.

Assim, várias ações marcam a transgressão psicológica e social da protagonista Edna Pontellier. Nessa questão, em um determinado momento da obra retrata o mundo das convenções e aparências ao qual o Sr. Pontellier está atrelado, ou seja, da alta aristocracia de New Orleans. A linguagem explícita demarca a queda das máscaras do ambiente irônico, em que o diálogo entre marido e mulher está encoberto pelo manto das insatisfações individuais. Para tal, narrativa apresenta um jantar na mansão Pontellier entre Edna e Léonce, numa terça-feira à noite, um tempo depois do retorno da praia de Grand Isle, dia em que Edna deveria receber visitas domiciliares, normalmente esposas e filhas de clientes abastados do comércio de Léonce; no entanto, ela passa o dia fora de casa. As falas dessas duas personagens representam o confronto entre marido e mulher:

- Fora! – exclamou o marido com algo de genuína consternação genuína na voz, pousando a galheta de vinagre na mesa e olhando para Edna através dos óculos. – Ora, o que poderia tê-la levado a sair numa terça-feira? O que você tinha para fazer? – Nada. Simplesmente fiquei com vontade de sair, e saí.
- Bem, espero que você tenha deixado alguma desculpa convincente – disse o marido, mais tranqüilizado, acrescentando uma pitada de pimenta Caiena à sopa.
- Não, não deixei desculpa nenhuma. Disse para o Joe dizer que eu havia saído, só isso.
- Mas minha querida, pensei tivesse compreendido, a essa altura, que as pessoas não fazem coisas assim; precisamos observar *les convenances*¹ se quisermos acompanhar a procissão e não ficarmos para trás. Se decidi sair de casa esta tarde, devia ter deixado alguma explicação adequada para sua ausência.
- Esta sopa está realmente impossível; é estranho que aquela mulher ainda não tenha aprendido a fazer uma sopa decente [...](CHOPIN, 1994, p. 71).

O pequeno fragmento do diálogo entre Léonce e Edna mostra duas vozes em confronto no meio social: de um lado, Léonce Pontellier, repreendendo sua esposa por desobedecer a uma norma imposta à mulher; de outro, Edna rompendo com seu papel social de esposa. Os enunciados proferidos pela voz do Sr. Pontellier estão sob a égide do patriarcalismo, representando a concretude desse sistema, em evidenciar qual o papel ocupado pela mulher no seio da sociedade: ser mãe, esposa e dona de casa dedicada. Edna é regida pelos pensamentos feministas, por isso repreendida pelo marido por não cumprir seu papel social – de receber as esposas e filhas de clientes abastados do comércio de Léonce – e por sua desatenção com as atividades do lar, na citação transcrita, representada pela sopa intragável.

Com isso, a conversa entre o casal explicita o início da liberdade da protagonista, que está reagindo contra as convenções sociais da época. Uma atitude relevante após a discussão durante o jantar é a ação que Edna pratica num ato repulsivo ao casamento, pisoteando sua aliança: “Em certo momento ela parou, e tirando a aliança de casamento, atirou-a no tapete. Quando a viu ali caída, pisoteou-a com o salto do sapato tentando esmagá-la. Mas o pequeno salto de sua botina não fez uma amassadura, uma marca sequer no anelzinho cintilante” (CHOPIN, 1994, p. 73-74). Ela, então, começa a seguir seus pensamentos, atitudes e sentimentos. Abandona completamente os dias de visitas nas terças-feiras em sua casa e não se importa com a supervisão dos afazeres domésticos, a protagonista rompe com o paradigma da mulher do século XIX.

Edna Pontellier não se preocupa em atender e agradar às necessidades de Léonce e dos filhos e abandona totalmente os cuidados da casa; em determinado momento do enredo, como aponta o texto, lembrando-se de Madame Ratignolle, retoma a pintura de seus quadros e é ferozmente repreendida pelo marido:

- Parece-me a mais rematada loucura que uma mulher à frente de um lar e mãe de filhos passe numa ateliê os dias que seriam melhor empregados contribuindo para o conforto de sua família.
- Tenho vontade de pintar – respondia Edna. – Talvez isto não dure para sempre.
- Então, em nome de Deus pinte! Mas não deixe que a família vá para o diabo. Veja Madame Ratignolle; o fato de manter sua prática musical não faz com que ela deixe tudo mais cair no caos. E ela é mais música do que você uma pintora.
- Ela não é música e eu não sou pintora. Não é por causa da pintura que eu deixo as coisas de lado.
- É por conta do que, então?
- Oh! Não sei. Deixe-me em paz; você me aborrece. (CHOPIN, 1994, p. 79).

Edna contraria o marido, evidenciando rebeldia, uma atitude nada admissível, de acordo com a ótica patriarcal. Porém, se para Léonce a atitude rebelde de Edna é algo que ele não pode compreender, os atos posteriores de emancipação que a protagonista virá a praticar o levarão a duvidar do equilíbrio mental de sua esposa. O capítulo XXII apresenta o diálogo entre o Dr. Mandelet, médico e amigo da família, e Léonce Pontellier. O assunto refere-se à repentina mudança de comportamento de Edna, que passou a abandonar suas obrigações sociais, vagando pelas ruas de New Orleans, regressando para casa somente após o escurecer. De acordo com Léonce Pontellier, Edna está mudada com ele e com o mundo: “– Formou certa idéia na cabeça com respeito aos direitos eternos das mulheres e... entende... nos vemos pela manhã, à mesa do desjejum” (CHOPIN, 1994, p. 89).

Diante de tal confissão, Dr. Mandelet é obrigado a perguntar se ela “vem se relacionando ultimamente com algum círculo de mulheres pseudointelectuais – seres superiores superespirituais? Minha esposa tem me falado sobre elas.” (CHOPIN, 1994, p. 89). Léonce afirma que Edna não tem se associado a ninguém, mas enfatiza que não aprova tais atitudes da esposa, revelando-se um pouco preocupado.

O conselho do Dr. Mandelet é de que Léonce deixe Edna “em paz” por algum tempo, que ela deve estar tomada por algum temperamento caprichoso. Afirma que seria em vão ambos tentarem descobrir as causas desse comportamento que em breve se revelaria passageiro. Edna não representa o modelo de mulher predominante no final do século XIX no ambiente social creole de New Orleans, pois ela não desempenha o papel que a sociedade tem destinado à mulher ao longo do tempo; ao contrário, suas atitudes não são de obediência e submissão nem ao marido, nem ao pai, quando este lhe visita na mansão Pontellier.

Se Edna, através de seu comportamento, intriga Léonce, os ideais de emancipação e repressão batem de frente quando a protagonista diz a seu pai que não irá ao casamento de sua irmã Janet, sem ao menos proferir qualquer desculpa para tal ato. O Sr. Pontellier não queria se envolver na briga entre pai e filha, estava seguindo os conselhos do Dr. Mandelet, deixando sua esposa fazer o que quisesse. Em meio a uma discussão calorosa, o Coronel acusou Edna de não ser uma boa filha, afirmando que Janet e Margaret não fariam mais com ela devido à decisão de não estar presente no casamento. Ao acompanhar ao sogro, Léonce disse que pararia no casamento quando estivesse a caminho de Nova York, tentando compensar a atitude de sua esposa. As últimas palavras proferidas pelo Coronel antes de sua partida representam a indignação do sistema patriarcal e servem para enfatizar a repressão da mulher: “– Você é brando demais, muito brando mesmo, Léonce – declarou o coronel. – Autoridade, coerção é o que é preciso. Agir com toda a firmeza; a única maneira de lidar com uma esposa. Pode acreditar no que digo” (CHOPIN, 1994, p. 96).

Mas além de não conseguir mais dominar sua esposa, a ausência de Léonce contribui fortuitamente para a emancipação de Edna, já que sua presença tem a finalidade de representar a égide patriarcal, repreendendo o comportamento “às avessas” de sua esposa que muito se distanciava do modelo que as convenções sociais atribuíam à mulher no século XIX. Ultrapassando mais uma fronteira, Edna, sentada na biblioteca da mansão Pontellier, desafia a sociedade valendo-se de uma prática vista com maus olhos pelo patriarcalismo, o contato com a leitura:

Edna sentou-se à biblioteca depois do jantar e leu Emerson até ficar com sono. Percebeu que negligenciara suas leituras e tomou a decisão de enveredar de novo por uma trajetória de estudos proveitosos, agora que seu tempo lhe pertencia integralmente para fazer o que bem quisesse (CHOPIN, 1994, p. 98-99).

Edna Pontellier transgride as normas patriarcais. A protagonista não é a mulher do tipo que habita o mundo da fantasia e da ilusão; ao contrário, os atos de emancipação que passam a construir a individualidade e conseqüentemente a identidade de Edna mostram que a leitura é somente mais uma prática em resposta à insatisfação no teto conjugal e mediocridade do seu cotidiano.

Contudo, além de abandonar suas obrigações na esfera do lar, Edna, na ausência de seu marido, decide abandonar a residência na Esplanade Street para viver do sustento de seu trabalho como pintora e da herança de sua mãe, numa casa simples e modesta. Ao retornar de uma de suas visitas à Mademoiselle Reisz, Edna escreve uma carta a seu marido comunicando sua decisão:

Antes do jantar, naquela noite, Edna escreveu uma carta graciosa ao marido, contando-lhe sobre a intenção de se mudar para a casinha no mesmo quarteirão e de dar um jantar de despedida antes de sair, lamentando que ele não estivesse ali para compartilhá-lo, para colaborar no cardápio e ajudá-la a recepcionar os convidados. A carta ficou esplêndida e transbordava contentamento. (CHOPIN, 1994, p. 109).

Ao saber das intenções de sua esposa, Léonce lhe responde a carta com sentimento de reprovação, não aceitando as condições dela. Muito preocupado com o que as pessoas poderiam interpretar sobre a conduta financeira de seus negócios, no mesmo pacote do correio que continha a carta para Edna, Léonce enviara instruções a um arquiteto sobre a reforma da mansão Pontellier a ser executada durante sua ausência. Além disso, uma breve nota explicativa saíra no jornal diário, comunicando que o casal Pontellier faria uma viagem ao exterior e que a mansão passaria por uma reforma e assim “o Sr. Pontellier salvara as aparências” (CHOPIN, 1994, p. 124).

A troca de correspondência entre marido e esposa apresenta no universo ficcional de *O despertar*, o contexto irônico em que a relação entre marido e mulher se desenvolve, mostrando as atitudes de uma mulher decidida a não ser mais dominada pelo sistema patriarcal. Edna transita da anulação à emancipação, e num ato de muita coragem para a época, tenta ingressar no mundo do trabalho. Tal ato se concretiza com um luxuoso jantar oferecido pela protagonista para alguns convidados, no trigésimo capítulo da obra.

Ao mesmo tempo, que marca um importante acontecimento na vida da protagonista, a qual decide deixar a casa em que vive com o marido e filhos para residir em um imóvel menos arrojado passando a se sustentar de seu trabalho como pintora, o jantar além de ser a

comemoração dos vinte e nove anos da protagonista também pode se referir como um pré-anúncio da sua morte, já que Edna se suicidará nas águas do Golfo, chegando à conclusão de que não pode mais habitar um mundo que repreende a mulher.

Assim, Edna se vale do jantar como um acontecimento para concretizar e comemorar sua independência profissional e financeira. O banquete é um rito de passagem na vida da protagonista, que, ao final do romance, entrega-se às águas do Golfo como uma maneira de ressuscitar da condição que lhe é imposta. O jantar é mais um ato de emancipação que a protagonista pratica na esfera conjugal; contudo, a interação com outra personagem é de suma importância para o “despertar” de Edna, que vai representar o seu deslize como mãe. Essa personagem é Adèle Ratignolle.

A questão da maternidade, embora não seja a temática principal da obra, merece atenção na análise, pois a autora cria na protagonista uma mulher que não dá merecida atenção aos filhos; em Adèle, ao contrário, estabelece outra parte de Edna, aquele que a protagonista não consegue ser: o lado da mulher-mãe.

Edna transita de objeto para sujeito e isto também diz respeito à tentativa de ingressar no mundo do trabalho por meio das artes, já que se torna uma pintora. Em pleno século XIX, época em que Kate Chopin produziu o romance *O despertar*, as ideias expressas eram contrárias ao que o poder patriarcal estipulava na divisão entre as esferas: ao público, o homem; ao privado, a mulher. No romance esse ideal é rompido, caracterizando a narrativa de Chopin como revolucionária para a época de sua produção. As ações e o discurso desenvolvidos pela protagonista em seu percurso emancipatório no romance condizem em tentar romper com a barreira que separa as esferas reservadas aos homens e às mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a emancipação feminina da protagonista do romance *O despertar* foi realizada através da análise trajetória de Edna Pontellier, considerando-se o contexto social e cultural a que essa personagem se encontrava ao final do século XIX. Ao final do estudo, constatou-se que Kate Chopin proporciona aos leitores e leitoras, no romance analisado, uma melhor compreensão da sociedade creole de New Orleans, mostrando uma mulher em transgressão que marca uma transformação na protagonista, no final do século XIX, quando o movimento feminista começa a ganhar força com a luta da emancipação das mulheres.

Com a análise de *O despertar*, foi possível averiguar que a escritora Kate Chopin estava à frente de seu tempo, pois representou a mulher como sujeito ativo no universo e mudou seu comportamento submisso para o emancipatório. Na obra citada, Edna Pontellier representa uma mulher em transgressão que passa a abandonar suas atividades como mãe, esposa e dona de casa. Edna deixa de lado o espaço privado e tenta ganhar a esfera pública através de seu próprio trabalho. A protagonista do romance desempenha um papel que não era atribuído à mulher pela sociedade da época, revelando-se uma personagem que não segue o modelo feminino imposto pelo patriarcalismo.

Kate Chopin apresenta no romance analisado que a transgressão de Edna Pontellier implica uma relação com ela mesma, com o outro e com a sociedade. A protagonista do romance inicia uma trajetória em busca da libertação e dos direitos de igualdade, tornando-se uma nova mulher, aquela que não é mais dominada pelo sistema patriarcal. Essa trajetória de Edna não deixa de mostrar os ideais do movimento feminista, o qual lutou pelo direito de igualdade das mulheres em relação aos homens, apresentados através de Robles (2006) Perrot (1991,1998, 2008), Beauvoir (1949a, 1949b) e Woolf (1928).

Dessa forma, a escritora Kate Chopin, ao criar a protagonista de *O despertar*, rompe com o estereótipo da mulher construído ao longo dos anos. Edna Pontellier não é uma personagem feminina ligada ao modelo de mãe, esposa e dona do lar. A heroína de Kate Chopin possui voz própria dentro do romance analisado, revela-se uma personagem que representa um desejo e um ideal feminino da autora pela emancipação e direito de igualdade da mulher. Por meio de *O despertar*, a escritora recria a cultura da época em que viveu, mostrando a possibilidade de desmistificar alguns preceitos impostos à mulher numa sociedade dominada pelo patriarcalismo. Nesse sentido, ao elaborar este trabalho, pretende-se estabelecer uma importante contribuição para a fortuna crítica de Kate Chopin e para novas pesquisas na área da literatura norte-americana.

NOTA

¹ “Fora! Fora! (Sapristi é uma expressão blasfema derivada de ‘sacristia’.”

REFERÊNCIAS

ALLEGRO, Alzira. **Introdução**. In: CHOPIN, Kate. *Culpados*. Tradução Carmen Foltran. São Paulo: Ed. Horizonte, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949a.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949b.

BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. 36. ed. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1982.

CHOPIN, Kate. **O despertar**. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 121-186.

_____. **Mulheres públicas**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Tradução William Lagos e Débora Dutra. São Paulo: ALEPH, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1928.